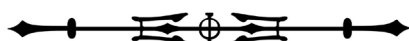


Paper do NAEA Volume 28

Patrimônio, turismo e produção do espaço: apontamentos sobre a Festa de São Benedito em Bragança, Pará, Brasil

Alessandra da Silva Lobato¹



RESUMO

Bragança é um município que apresenta relevante representatividade do ponto de vista social, econômico e cultural (CRUZ, 1955). Celebram uma das festas mais representativas do Pará, a Festa de São Benedito. Questiona-se: quais as relações entre o patrimônio, a atividade turística e a produção do espaço a partir da Festa de São Benedito no município de Bragança? É possível implementar um turismo cultural sustentável que contribua com o desenvolvimento local? O objetivo deste trabalho é analisar a relação entre o patrimônio, o turismo e a produção do espaço a partir da Festa de São Benedito. Foram realizados levantamentos bibliográficos e documentais, aplicação de entrevistas semiestruturadas com agentes públicos, representantes responsáveis pela organização da festa, moradores locais e turistas. Observou-se que há uma estreita relação entre o patrimônio, o turismo e a produção do espaço em Bragança, principalmente no que tange a Marujada de São Benedito. Entendeu-se que o turismo é uma atividade forte no município em alguns períodos do ano. Constatou-se que turismo cultural mais sustentável só será possível mediante a maior conscientização e investimentos nesse processo.

Palavras-chave: Patrimônio. Turismo. Bragança. Festa de São Benedito.

¹ Doutoranda do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará. Servidora pública da secretaria de educação do estado do Pará. E-mail: alessandrageo19@yahoo.com.br.

ABSTRACT

Bragança is a municipality that presents relevant representativeness from the social, economic and cultural point of view (CRUZ, 1955). They celebrate one of the most representative feasts of Pará, the Feast of Saint Benedict. It is questioned: what are the relations between the patrimony, the tourist activity and the production of the space from the Festa de São Benedito in the municipality of Bragança? Is it possible to implement sustainable cultural tourism that contributes to local development? The objective of this work is to analyze the relation between patrimony, tourism and the production of space from the Feast of Saint Benedict. Bibliographical and documentary surveys, semi-structured interviews with public agents, representatives responsible for organizing the party, local residents and tourists were carried out. It was observed that there is a close relationship between heritage, tourism and the production of space in Bragança, especially in relation to Marujada de São Benedito. It was understood that tourism is a strong activity in the municipality at some periods of the year. It has been found that more sustainable cultural tourism will only be possible through greater awareness and investment in this process.

Keywords: Patrimony. Tourism. Bragança. Feast of Saint Benedict.

INTRODUÇÃO

O município de Bragança está localizado na região Nordeste do Estado do Pará, no Brasil. É um município histórico da Amazônia, com mais de duzentos anos de colonização. Segundo dados históricos, a colonização dessa região começou ainda no século XVII, com a chegada e o avanço de franceses para conhecer o interior da Amazônia; posteriormente, colonizadores portugueses também adentraram a região (NONATO DA SILVA, 2006). É um município que apresenta relevante representatividade do ponto de vista social, econômico e cultural (CRUZ, 1955), tendo em vista que é um dos municípios paraenses que mais apresenta patrimônios arquitetônicos tombados pelas escalas municipal e estadual (LOBATO, 2014). Além disso, o município celebra uma das festas mais representativas do Estado do Pará: a Festa de São Benedito, que atrai milhares de pessoas anualmente.

Tendo em vista essas observações, questiona-se: quais as relações entre o patrimônio, a atividade turística e a produção do espaço a partir da Festa de São Benedito no município de Bragança? É possível implementar um turismo cultural sustentável que contribua com o desenvolvimento local?

O objetivo deste trabalho é analisar a relação entre o patrimônio, o turismo e a produção do espaço a partir da Festa de São Benedito, bem como pensar em estratégias para a implementação de um turismo cultural mais sustentável.

Para desenvolver esta pesquisa, foram realizados levantamentos bibliográficos e documentais, observações in loco, registros fotográficos, aplicação de entrevistas semiestruturadas com agentes públicos ligados ao patrimônio e ao turismo, tanto na escala municipal quanto estadual, representantes responsáveis pela organização da festa, moradores locais e turistas.

O artigo está estruturado em três partes mais esta introdução e as considerações finais. Na primeira parte, discute-se sobre a relação do patrimônio com o turismo na produção do espaço. Na segunda parte, aborda-se sobre festas e o turismo cultural a partir de uma perspectiva sustentável. Na terceira, discute-se como a Festa de São Benedito causa transformações ao espaço da cidade, bem como se analisam as perspectivas de um turismo cultural mais sustentável que possa contribuir com o desenvolvimento local de Bragança.

PATRIMÔNIO, TURISMO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO: BREVES REFLEXÕES

Nota-se que, ao longo dos anos, temas como patrimônio e turismo tornaram-se alguns dos objetos de análise da Geografia; mas o que tem levado geógrafos a investigar sobre esses temas? As justificativas são várias, entre elas, destaca-se que patrimônio e turismo são elementos que ocorrem num determinado espaço, e este é o objeto primeiro de análise da Ciência Geográfica. Logo, ao analisar o espaço, o geógrafo tem como objetivo investigar, na medida do possível, tudo o que compõe esse espaço, com o intuito de compreender as transformações ocorridas na relação sociedade-natureza.

O patrimônio, a princípio, pode ser entendido como aquilo que as pessoas, físicas ou jurídicas, possuem de valor – seus bens, posses, aquilo que se deixa como legado para

seus descendentes (MACHADO e PIRES, 2012). No entanto, a interpretação pelo viés individual não é a única forma de se compreender o conceito, que precisa ser analisado em sua complexidade, levando em consideração as particularidades, especificidades e a imaterialidade. Não se pode esquecer que o patrimônio interessa à Geografia, por se tratar de algo que é histórico, cultural, mas que também pode agregar valor econômico (PAES, 2010). Assim, vários interesses e agentes se lançam na “proteção” de patrimônios materiais, mas também, imateriais, como, por exemplo, nas festas em devoção a santos.

O patrimônio deve ser interpretado como um fenômeno social, “sempre vinculado a um espaço e tempo específicos - é preciso entender também historicamente as formas de sociabilidade, que são extremamente variáveis” (MENESES, 1992, p. 189). Nesse sentido, o patrimônio deve ser entendido não apenas como elemento formador do espaço, mas sim como elemento que se constitui em um espaço e que, através do tempo, permite produzir no espaço marcas do passado, tanto pelas formas como pelas relações que foram estabelecidas ao longo do tempo, relações essas que envolvem significados, sentidos para aquele determinado grupo naquele lugar.

O próprio fato de eleger o que é ou não patrimônio é um ato político, como bem coloca Paes (2010). Logo as escolhas são reflexos de intenções dos agentes ligados à preservação do patrimônio, mas também do planejamento urbano. Muitos estudos como os de Paes (2005), Trindade Jr et al (2008), Trindade Jr (2009; 2013) comprovam que projetos de requalificação, refuncionalização, revitalização para centros históricos entre outros, modificaram os espaços, não atendendo às demandas dos moradores locais, em alguns casos até expulsando-os para áreas distantes, devido à valorização e especulação imobiliária que passou a ocorrer após a concretização dos projetos.

Tal situação também pode ser observada quando se analisa o turismo, principalmente, o turismo mal planejado. O turismo, como nos mostra Bertonecello (2010), é um fenômeno de longa data, que se expandiu a partir da Segunda Guerra Mundial. Naquele momento, o segmento mais expressivo era o chamado turismo de massa, que, com o passar do tempo, passou a competir com outros segmentos, a exemplo do ecoturismo, turismo de eventos, negócios e cultural.

A partir da década de 1960, o turismo passou a ganhar grandes proporções enquanto atividade de lazer, envolvendo milhões de pessoas que passaram a circular com maior frequência pelos espaços, e transformou-se em um fenômeno de ordem econômica que, nas últimas duas décadas do século XX, se tornou bastante representativo e ganhou espaço considerável nos circuitos da economia mundial.

Quando se trata da produção do espaço, é necessário compreender que esta envolve um processo conflituoso e contraditório, inclusive quando se refere ao turismo. Ressalta-se que essa atividade é “antes de mais nada, uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo” (CRUZ, 2003, p. 5). A cultura, neste contexto, será fortemente assentada por ser o turismo uma prática social.

Para Lefebvre (1974), o desenvolvimento da atividade turística apresenta estreita relação com o desenvolvimento do modo de produção capitalista do espaço. Observa-se que “com a indústria do ócio, o capitalismo tem se amparado nos espaços deixados vagos: o mar, a praia, a alta montanha. Tem criado uma indústria nova, uma das mais potentes: a indústria

do ócio” (p. 221). O autor, já na década de 1970, chamava atenção para as transformações que o turismo, mais tarde, iria deixar nos espaços.

Lefebvre (1974) também ressalta que compreender a produção do espaço perpassa pela compreensão da triplicidade que corresponde a analisar o espaço como percebido, concebido e vivido. Quando se fala do espaço percebido está se tratando da prática do espaço, o espaço concebido corresponde à dimensão da representação do espaço e o espaço vivido é o espaço da representação. Essa definição é importante para compreender que o espaço ao qual nos referimos neste trabalho é o espaço produzido que sofre transformações pela atividade turística, pela apropriação das manifestações culturais e do patrimônio para o desenvolvimento do turismo, pelos planejadores do espaço urbano entre outros.

Em síntese, percebe-se que ao longo das últimas décadas, cada vez mais, o patrimônio cultural dos lugares tem sido apropriado pelo turismo e o espaço produzido vem se transformando de acordo com os interesses dos agentes produtores do espaço.

Na próxima seção, será analisado um dos elementos que tem sido apropriado pelo turismo: as festas. Estas são, também, patrimônios culturais de alguns lugares e no caso do território brasileiro é visível como muitas festas religiosas, sacro-profanas e até mesmo profanas são de grande relevância para determinados grupos sociais. Mas como trabalhar com um turismo mais sustentável para os lugares, menos mercadológico? Isso será discutido no próximo item.

FESTAS E TURISMO CULTURAL SUSTENTÁVEL: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

As festas têm se tornado objeto de pesquisa para a geografia bem como o turismo. As festas, pela sua representatividade e importância cultural e simbólica, também podem ser consideradas patrimônios de um lugar. Essa representatividade, ao longo, dos anos tem chamado a atenção do turismo, pois essa atividade econômica se apropria de elementos que estão nos lugares. Trata-se de uma atividade que se não for bem planejada é capaz de gerar sérias consequências negativas.

Já se tem alguns estudos como de Amaral (1998), Costa (2010) que comprovam os impactos negativos do turismo em festas culturais e/ou religiosas, por exemplo. Alguns dos impactos negativos mais visíveis são a espetacularização das manifestações, a mercadificação, o espaço que se transforma em um grande comércio, tirando, em certa medida, o caráter simbólico e de representação cultural do lugar, pois tende à homogeneização da cultura.

As festas oferecem, segundo D’Abadia e Almeida (2009, p. 60), “como características básicas: a superação das distâncias entre os indivíduos; a produção de um estado de efervescência e a transgressão das normas coletivas”; o espaço se transforma. A festa, segundo Deus et al (2016, p. 356), “revela-se como o momento propício para a apropriação integral do espaço, pois, por meio do uso do lugar em que ela se desenvolve, os habitantes são capazes de subverter a condição unifuncional dos espaços públicos”.

Fazer festa, segundo Costa (2010, p. 29), é “uma prática de produção da humanidade: é o encontro, a alegria, a fé. Mas na atual sociedade urbana, as estratégias de programação da vida cotidiana alcançam e cerceiam as práticas festivas, reproduzindo-as dentro de uma lógica, a da mercadoria”.

A festa provoca transformação ao espaço, a vida cotidiana é alterada para atender determinadas demandas como, por exemplo, a circulação das pessoas nas cidades ou a chegada de turistas. Mas essa mesma festa pode ser aquela de mais de duzentos anos, que resiste ao tempo, às inovações da vida moderna e que tenta repassar para as novas gerações a fé, a devoção, as tradições do modo peculiar das danças, como será analisado no próximo item sobre a Festa de São Benedito, em especial a Marujada de São Benedito em Bragança, no Estado do Pará, como será discutido mais adiante neste trabalho.

O turismo, como mencionado, é uma atividade que se expandiu pelo mundo no Pós-Segunda Guerra Mundial alcançou os vários territórios e causou transformações positivas e negativas a eles. É uma atividade que se apropria dos recursos naturais, culturais e patrimoniais dos lugares para a sua reprodução capital.

A utilização do patrimônio – material e imaterial – em atividades turísticas tem sido recorrente em diversos lugares no mundo já há bastante tempo. A essa utilização, visando, sobretudo, uma revalorização econômica do bem cultural, costuma-se denominar *Turismo Cultural*, razão pela qual vários estudos assimilam a discussão sobre turismo para explicar as políticas destinadas ao patrimônio (ALMEIDA ET AL, 2011, p. 3).

O turismo, como se percebe, está relacionado com várias dimensões para alcançar seu objetivo maior que é a reprodução do capital. Uma dessas formas ocorre pela relação com as manifestações culturais dos lugares, as particularidades, aquilo que para o morador local é seu patrimônio acaba, também, entrando nesse circuito de consumo pelo turismo, é o caso de algumas festas culturais e religiosas que ocorrem no Brasil. Esse olhar sobre a cultura e o patrimônio material e imaterial tem fortalecido a prática do turismo cultural em várias regiões brasileiras.

No Estado do Pará isso é visível em algumas manifestações como, por exemplo, na Festa de Nossa Senhora de Nazaré, que no dia do círio, todo o segundo domingo de outubro, consegue reunir cerca de dois milhões de pessoas em uma das várias procissões que ocorrem no período da quadra Nazarena, segundo dados estatísticos da Polícia Militar do Estado do Pará. É fé, devoção, mais é também comércio, circulação de capital, a cidade se transforma nesse período.

Outras festas que também reúnem um número expressivo de pessoas no Estado do Pará são o Sairé, no município de Santarém, e a Festa de São Benedito, em Bragança, figura 01, que será exposta de forma mais detalhada na próxima seção deste artigo. Citando apenas algumas, são festas que reúnem milhares de pessoas entre devotos, turistas nacionais e internacionais, que são atraídos pelas particularidades desses lugares, pela cultura, pela forma como os devotos se expressam, pelas danças. Mas como pensar um turismo cultural sustentável para as populações locais desses lugares? Trata-se de uma tarefa árdua de reflexão, pois o turismo enquanto atividade econômica visa à reprodução do capital e se apropria desses elementos culturais e patrimoniais presentes nos lugares.

Um primeiro elemento para se pensar é como implementar um turismo cultural sustentável que possa contribuir com o desenvolvimento dos lugares? A noção de incluir o elemento sustentável na prática turística envolve pensar em estratégias que visem o desenvolvimento não apenas econômico, mas também o desenvolvimento social associado à minimização dos impactos advindos da atividade.

Figura 01- Largo de São Benedito. Saída da procissão em homenagem ao Glorioso São Benedito, Bragança, Pará, Brasil, realizada no dia 26 de dezembro de 2018. Ao fundo a Igreja de São Benedito, edificação do século XVIII, tombada pela Poder Público Municipal e Estadual



Fonte: Trabalho de campo. Acervo pessoal da autora, 2018.

Por isso nesta pesquisa trabalha-se com a possibilidade de pensar a implementação de um turismo cultural sustentável a partir das bases que envolvem a ativação do patrimônio-territorial (COSTA, 2016; 2017). O patrimônio-territorial apresentado por Costa (2016) apesar de ser um utopismo, serve para reflexão da realidade latino-americana quanto as “novas proposições preservacionistas em face de particularidades da urbanização e da construção social de riscos na América Latina” (p. 2). O patrimônio-territorial

i) anuncia as estratégias da conquista ibérica do continente latino-americano em abertura para a modernidade, e a organização colonial do mundo; ii) indica que a América Latina “entra” na modernidade como sua “outra face”, dominada, explorada, encoberta, pois teria como ponto de partida fenômenos intra-europeus; iii) reforça o projeto de transmoderno enquanto “co-realização do impossível para a modernidade; solidariedade de: centro-periferia, mulher-homem, diversas etnias, diversas classes, humanidade-Terra, Cultura Ocidental – Culturas do mundo periférico ex-colonial, por incorporação, partindo da Alteridade” (COSTA, 2016, p. 2-3).

Essa proposta de compreensão do patrimônio-territorial latino-americano nos faz refletir sobre a realidade das discussões patrimoniais, que em grande medida, estiveram/estão alicerçadas em bases europeias de preservação que não correspondem às particularidades dos lugares latino-americanos. Não levam em consideração as características indígenas, africanas e subalternas que muito contribuíram com o desenvolvimento patrimonial da América Latina. Por isso, a proposta que se apresenta nesse trabalho é trabalhar com a ideia de patrimônio-territorial, neste caso, tomamos como objeto a Festa de São Benedito em Bragança, para pensar possibilidades de implementar um turismo cultural que esteja alicerçado em bases mais sustentáveis.

Tratar sobre patrimônio-territorial é entender que este “quer resgatar, localizar, dar sentido moderno à América Latina e sentido mundial à modernidade” (COSTA, 2016, p. 6).

O utopismo patrimônio-territorial “identifica e ilumina a cultura barbarizada pela presente colonialidade, julgando os subalternos latino-americanos como necessários à escrita da nova história continental” (COSTA, 2016, p. 9). O autor ressalta ainda que o utopismo patrimônio-territorial “vigora a partir da sistematização de um conhecimento popular situado, por meio e uma agenda de iniciativas sociais, organizativas, administrativas e universitárias, todas locais” (p. 9).

Pensar a ideia de patrimônio-territorial associado ao turismo para este estudo torna-se pertinente pois:

Uma epistemologia situada do turismo deve incorporar com precisão o conceito de lugar e a noção filosófica de totalidade em debates como: marketing urbano, imagem de cidade, atrativo turístico, cultura, memória, identidade, planejamento estratégico etc. Essa consideração pode evitar o preconceito epistêmico quanto ao patrimônio-territorial, que se dá ou pela negação dos sujeitos que carregam a memória histórica da formação dos territórios de exceção latinos (negros e indígenas) ou pela própria recusa dessas localizações periféricas, com seu potencial de valor atrativo (COSTA, 2017, p.68).

É importante que pensar em implementar esse turismo mais sustentável torna-se necessário levar em consideração as necessidades dos sujeitos que estão situados em territórios de exceção como destacou Costa (2017). Ressalta que “a comunidade é, em verdade, a gestora-empREENDEDORA protagonista da formação territorial latino-americana nesse novo processo de valoração espacial da cultura nas periferias” (COSTA, 2017, p. 68).

Nesse conjunto que abarca esse novo olhar do patrimônio-territorial latino-americano estão, entre outros elementos, as festas sagradas e profanas. Como mencionado anteriormente este estudo investiga sobre a Festa de São Benedito, um santo negro que na cidade de Bragança é considerado o co-padroeiro, sendo a padroeira Nossa Senhora do Rosário, mas que é nítida a devoção e expressão religiosa e cultural de milhares de pessoas que se “apegam” mais a São Benedito.

Em síntese, pensar em turismo cultural sustentável a partir de festas sejam elas sagradas ou profanas requer o entendimento de que a população local deve ser a protagonista no processo, que é a população local que deve apresentar aquilo que para ela é importante e o que deve ser valorizado, no caso das festas, há vários elementos e rituais que compõem, mas que as vezes são ignorados pelo turismo, por não serem “atrativos”. Por isso, pensar em possibilidades de implementação de um turismo cultural mais sustentável requer autoconhecimento e auto reconhecimento por parte daqueles que fazem parte da festa.

É preciso que os órgãos ligados ao turismo, também, estejam bem instruídos, principalmente, a nível municipal, já que estes são os que mais estão próximos das manifestações locais. Esse é um caminho para implementar um turismo cultural sustentável que possa proporcionar benefícios para o desenvolvimento local.

Nesse sentido cabe ressaltar, também, que a ideia de turismo sustentável proposta aqui neste artigo está baseada no trabalho de Sachs (1993) que compreende as sustentabilidades ecológica, social, cultural, econômica e espacial. Esses elementos são importantes para se pensar em um desenvolvimento local a partir do turismo.

Segundo Scótolto e Panosso Netto (2015, p. 45) pensar em desenvolvimento local “é pensar em modificar a situação atual de uma localidade tornando-a aperfeiçoada, melhorada,

aprimorada”. Para tanto é necessário “compreender o ponto de partida, ou seja, a situação atual da localidade e traçar os objetivos de desenvolvimento, determinando quais melhorias devem ser feitas, o que deve ser aprimorado e que estado de desenvolvimento se pretende alcançar” (SCÓTOLO e PANOSSO NETTO, 2015, p. 45).

É preciso considerar, também, que o desenvolvimento local deve, “em essência, assinalar os processos que evidenciem a superação dos problemas sociais de sua população, sejam eles de cunho econômico ou não” (SCÓTOLO e PANOSSO NETTO, 2015, p. 45). Esse elemento é importante para ser considerado, pois trabalhar com a ideia de implementar um turismo cultural em bases sustentáveis pode contribuir com a superação de problemas, principalmente, quando os cidadãos se tornam empoderados.

Na seção seguinte apresenta-se e discute-se, propriamente, a Festa de São Benedito como um elemento cultural que provoca mudanças à Bragança no período festivo e como o turismo cultural sustentável pode ser um elemento agregador de valorização dessa manifestação representativa do nordeste paraense.

A FESTA DE SÃO BENEDITO EM BRAGANÇA-PA: REFLEXÕES SOBRE A MARUJADA DE SÃO BENEDITO NA CIDADE E A BUSCA POR UM TURISMO CULTURAL SUSTENTÁVEL

Bragança é um dos municípios mais antigos do estado do Pará. Seu processo de colonização remonta ao século XVII com as expedições de franceses que vieram pelo Maranhão e adentraram a Amazônia com o intuito de conhecer e explorar o interior da floresta Amazônica como destacou Nonato da Silva (2006). Foi fundada com o nome de Vila de Souza do Caité, “Bragança aos poucos foi sendo incorporada ao capitalismo comercial europeu, porém de forma bastante precária, a exemplo de toda região amazônica” (SILVA, 1997, p. 32).

Em meados de 1750, ela foi elevada à categoria de vila, sendo denominada, Vila Nossa Senhora do Rosário de Bragança. Foi nesse período que muitas famílias de açorianos foram para a região com o intuito de ocupa-la. E somente em meados de 1850 a vila passou a se integrar de forma mais organizada ao sistema do mercado europeu e foi elevada a categoria de cidade como destacou Silva (1997).

Bragança possui alguns resquícios do passado que retratam um pouco da história do lugar, são casas dos séculos passados, igrejas, coreto, alguns resquícios do período da Estrada de Ferro Bragança.

A cidade de Bragança ainda conserva algumas marcas da colonização portuguesa, expressa no traçado de suas ruas, no estilo dos poucos casarões existentes, e em algumas construções religiosas como a igreja de São Benedito, um dos símbolos da religiosidade do povo bragantino. Os tipos humanos nela encontrados, por outro lado, não escondem a mescla portuguesa, africana e principalmente a indígena, expressa nas suas tradições folclóricas-religiosas (SILVA, 1997, p. 32).

Esse conjunto do patrimônio edificado compõem as rugosidades espaciais Santos (2008) que persistem na paisagem bragantina e fazem dessa cidade uma das mais peculiares da região nordeste do Estado do Pará.

Para além desse patrimônio histórico edificado, tem-se o patrimônio vivo, imaterial, o patrimônio das práticas dos saberes e ofícios. Dentre estes, destaca-se a Festa de São Benedito

que é constituída por rituais religiosos, mais também, culturais com destaque para a Marujada de São Benedito que é um elemento bem peculiar dessa manifestação religiosa e cultural.

Silva (1981) destaca a origem comum da Marujada com a Irmandade de São Benedito ocorreu quando no ano de 1798, os senhores consentiram o pedido dos escravos de organização de uma irmandade. Cumprida a primeira festa em louvor a São Benedito, os negros em sinal de apreço, incorporados, foram dançar de casa em casa dos seus benfeitores. Nos anos seguintes essa cena se repetiu e tornou-se uma forma de agradecimento pelas bênçãos alcançadas.

Há muito tempo alguns trabalhos como os de Silva (1981), Silva (1997), Rosário (2000) já destacavam a importância da Marujada de São Benedito, outros mais recentes como os de Nonato da Silva (2006) e Carvalho (2010) também tem contribuído para o entendimento das dinâmicas sociais, políticas e culturais que envolvem à Festa de São Benedito no nordeste paraense.

Esses autores a elegem como a principal manifestação de cunho religioso, cultural e histórico do município de Bragança e da região nordeste do Estado do Pará. Ressalta-se que a manifestação já se espalhou geograficamente, sendo praticada em outros municípios do Estado, como Tracuateua, Augusto Côrrea, Primavera, Quatipuru, Capanema e outros, chegando até mesmo ao município de Ananindeua, região metropolitana de Belém. Expandiu-se, também, para outro Estado, como é o caso da cidade de Carutapera, no Maranhão, por influência de bragantinos que migraram para esse lugar. Contudo, a maior concentração de marujos e marujas² ainda é no município de Bragança.

A Marujada é uma das expressões representativas que “confere à cidade de Bragança um significado particular, associado à sua identidade como patrimônio cultural” (CARVALHO, 2010, p. 46). É importante que se ressalte antes de discutir propriamente sobre esta manifestação cultural, que a dimensão imaterial do patrimônio por muito tempo ficou “abandonada e esquecida”, não sendo priorizada em ações que contribuíssem com a preservação, reconhecimento e valorização por parte do Estado. Esse reconhecimento só veio a ocorrer bem recentemente como será discutido mais adiante.

Segundo Carvalho (2010), a Marujada de São Benedito, figura 02, é apontada como a principal manifestação cultural e turística de Bragança. Ressalta a importância de valorizar os aspectos histórico-culturais da região com o intuito de contribuir com o desenvolvimento do turismo. Acredita-se que a Marujada de São Benedito é um patrimônio cultural com particularidades e riquezas e que deve ser conservado para gerações futuras.

Segundo Carvalho (2010), os principais momentos que consagram os rituais são: os ensaios das danças, as esmolações, a romaria fluvial, o encontro das imagens na igreja, a alvorada festiva, a cavalhada, o almoço do juiz e da juíza, o leilão do santo, a procissão e a festa.

Ressalta-se que a Marujada é muito além de um conjunto de danças, transcende aquilo que é dito, revelado em palavras por aqueles que experimentam a alegria e gratidão a São Benedito ou para quem participa de forma atenta como destacou Carvalho (2010).

2 Denominação daqueles que se vestem a caráter para as danças da Marujada.

Figura 02- Mosaico de fotos da Marujada de São Benedito em Bragança



Fonte: Trabalho de Campo dia 26/12/2018. Acervo pessoal da autora.

Apesar da representatividade e expressão que a Marujada possui no nordeste paraense, apenas recentemente, no ano de 2009, que foi declarada patrimônio cultural e artístico do Pará, sob a Lei Estadual nº 7.330, de 17 de novembro de 2009. Isto representou um avanço para a preservação desta manifestação. A promulgação da Lei legitimou a Irmandade para o recebimento de incentivos financeiros para a execução de projetos, nos âmbitos federal, estadual e municipal (CARVALHO, 2010).

A declaração tem como objetivo a preservação, conservação e proteção das formas de expressão, objetos, documentos e fantasias, danças e músicas da Marujada, além da inclusão nos calendários anuais de dados históricos, culturais e artísticos do Estado do Pará. Isso contribuiu para que os rituais que constituem a Marujada ganhassem força e espaço no cenário nacional como manifestação e expressão cultural cujo mérito engrandece todos os atores envolvidos, constituindo patrimônio para toda a sociedade brasileira (CARVALHO, 2010, p. 47).

Vale ressaltar que esse reconhecimento por parte do Estado foi apenas uma medida que se agregou a outra muito mais ampla que tem contribuído de uma forma tão significativa que faz dessa manifestação umas das maiores expressões da cultura daquele lugar, que é a identificação daquele povo com o Santo.

Observa-se, também, que foram as vivências que permitiram a Marujada de São Benedito se manter tão forte como pôde ser observado durante a pesquisa, milhares de pessoas entorno da cultura, da fé, da devoção e do modo de ser bragantino como o falar, como a indumentária característica da ocasião, a reunião de famílias, a ida de amigos e parentes para reviver, apreciar e agradecer pelas graças alcançadas.

Enfim, tudo isso se manifesta nessas vivências que não se expressam somente no auge da festa, mas durante o ano todo quando o Santo percorre todas as regiões que compõem o município os campos, as praias e as colônias. São as esmolações, ritual que tem como objetivo preparar a região para o dia da chegada em dezembro, quando por barcos chegam as últimas comitivas, depois de meses de peregrinação.

Para entender a manifestação em sua totalidade, faz-se necessário compreender o culto e a festividade sacro-profana em homenagem a São Benedito, pois estas seriam as origens da Marujada. De acordo com Carvalho (2010) a cultura na região bragantina é marcada por uma forte tradição historicamente influenciada pelos usos e costumes dos negros e indígenas.

O culto a São Benedito representa claramente esse assunto, a exemplo das manifestações que compõem o ritual da Marujada há mais de dois séculos de existência. Reconhecida como uma das principais manifestações culturais do estado do Pará, a Marujada está inserida na festividade de São Benedito que acontece anualmente no período fixo de 18 a 26 de dezembro, mas os diversos ritos que a compõe são vivenciados ao longo do ano (CARVALHO, 2010, p. 75).

Atualmente, a festividade é organizada pela Igreja Católica juntamente com a Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança (IMSBB). De acordo com (CARVALHO, 2010, p. 78) “ambas dividem tarefas, sendo que esta última fica encarregada do planejamento da Marujada e todos os ritos que a compõe. Constitui-se, portanto, numa manifestação que tem no fenômeno da promessa e devoção ao Santo o alicerce da identidade dos marujos e marujas”.

A festa de São Benedito expressa em especial pela Marujada de São Benedito corresponde a elementos significativos que manifestam práticas culturais de um patrimônio vivo que marcam a paisagem urbana e também rural de Bragança. São elementos da identidade, expressões que revelam como manifestações culturais podem ser consideradas de grande relevância para o entendimento da produção da cidade com suas especificidades.

Durante o trabalho de campo realizado no período da festa entre os dias 18 e 26 de dezembro de 2018 foram aplicados alguns formulários em caráter de sondagem com o intuito de compreender um pouco mais sobre a festa na cidade. Foram aplicados 20 formulários com perguntas abertas e fechadas para marujas e marujos; 10 formulários para turistas; 3 formulários para representantes de hotéis locais. Além disso, foram realizadas entrevistas com técnicos das secretarias de turismo e de cultura de Bragança.

Alguns marujos e marujas quando questionados sobre a importância da Festa de São Benedito e da Marujada para suas vidas a maioria respondeu que participar desse momento é fundamental para suas vidas, é o momento de expressar sua gratidão às graças alcançadas.

Eu vejo a festa pra São Benedito assim.. é um momento de agradecer por tudo que ele faz na minha vida. Eu tenho muita fé, sou devota desde de que eu me entendo por gente (risos).. Eu sempre me emociono quando vejo ele sair pra procissão.. E dançar a marujada é forma de agradecer ele.. enquanto eu tiver saúde eu vou participar.. (Entrevistada 01, 60 anos, dona de casa. Trabalho de campo realizado entre os dias 18 e 26 de dezembro de 2018).

Como destacou Costa (2010, p. 29), a festa “é o encontro, a alegria, a fé”. A gratidão pelas graças alcançadas manifesta-se em vários momentos, inclusive na festa, como pode ser constatado no trabalho de campo.

Foi possível, também, constatar através das várias falas dos entrevistados que há uma forte relação de pertencimento daquela festa, do fazer parte daquele momento. Quando questionados sobre a importância da Festa de São Benedito para Bragança, todos os entrevistados afirmaram ser uma manifestação de grande importância para o município, alguns chegaram até mesmo a mencionar que a Festa de São Benedito para eles é até mais importante do que a Festa da padroeira oficial Nossa Senhora do Rosário. Todos entrevistados afirmaram, também, considerar a Festa de São Benedito, em especial, a Marujada como patrimônio cultural de Bragança³.

Foram questionados se percebiam mudanças na cidade no período da Festa de São Benedito em dezembro, a resposta Sim foi unânime, dos trinta entrevistados, vinte e cinco destacaram que as principais mudanças que observaram foi a maior presença de pessoas na cidade, turistas que vão para conhecer a Festa e devotos que vão para pagar suas promessas. Além disso, o próprio entorno da igreja, também, sofre mudanças, como por exemplo, o fluxo de veículos é proibido a partir das 18h até às 23h.

Os entrevistados tanto marujos, marujas como representantes de alguns hotéis locais quando questionados se consideravam a festa de São Benedito como um elemento de atração para o desenvolvimento do turismo em Bragança, mais da metade considera que sim, os outros consideram em parte e nenhum informou que não é um elemento de atração. Esses dados evidenciam que grande parte tem conhecimento da potencialidade da Festa de São Benedito para o desenvolvimento do turismo, principalmente do turismo cultural.

O poder público municipal, por meio das secretarias de turismo e de cultura, também ressaltara durante as entrevistas a importância da Festa de São Benedito para o município.

Entendemos que a Festa de São Benedito é um elemento fundamental da cultura do bragantino...Já fizemos várias ações com o objetivo de valorizar a festa, já tivemos edital comtemplado pra desenvolver o turismo religioso. Há uma boa parceria entre a Irmandade e a prefeitura.. Nós sempre que podemos apoiamos, porque sabemos a importância da festa, pra ser divulgada e conhecida por mais pessoas. (Técnicos das Secretarias de Cultura e de Turismo da Prefeitura de Bragança. Trabalho de campo realizado entre os dias 18 e 26 de dezembro de 2018).

Em síntese, o que se analisou durante o trabalho de campo é que a Festa de São Benedito é um patrimônio cultural do lugar e é reconhecido por grande parte da população como um elemento cultural de grande relevância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que há uma estreita relação entre o patrimônio, o turismo e a produção do espaço em Bragança, principalmente quando se analisa a Marujada de São Benedito, pois como aponta Paes (2009; 2010) o patrimônio interessa à geografia, pois este está em um espaço e é eleito a partir de uma decisão política.

A partir da análise dos dados coletados, pode-se perceber que o turismo é uma atividade forte no município em alguns períodos do ano, entre eles no período da Festa de São Benedito. Conclui-se que se for um turismo que tome por base alguns princípios do turismo cultural sustentável, bem como do patrimônio-territorial ele pode ser visto como uma atividade que venham a complementar rendas no município e não cause tantos impactos ambientais e culturais e que pode contribuir com o desenvolvimento local, entretanto para que isso aconteça é necessário um planejamento adequado.

1 Para essa pergunta, a entrevistadora explicava o que era patrimônio cultural e depois perguntava se o entrevistado considerava a Festa de São Benedito juntamente com a Marujada como patrimônios culturais de Bragança.

Nota-se, também, que em Bragança boa parte da população se identifica com a Festa de São Benedito, patrimônio cultural do lugar que se mantém vivo há séculos, mesmo antes do reconhecimento por parte do Estado. Grande parte da população se identifica com a história do santo e tenta passar as práticas, saberes e devoção de geração para geração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. G.; OLIVEIRA, C. D. M.; VARGAS, M. A. M.. A dimensão territorial das festas populares natalinas e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe. *Revista Geográfica de América Central*. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 pp. 1-16

AMARAL, C. M. P. R. *Festa à Brasileiras: significados do festejar, no país que "não é sério"*. 1998. 378f. Tese (Doutorado em antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo.

BERTONCELLO, R.. Turismo y patrimonio, entre la cultura y el negocio. In: PAES, M. T. D.; OLIVEIRA, M. R. da S. (Orgs.). *Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Annablume, 2010. Capítulo 2, p. 33-53.

CARVALHO, G. M. de O. *A festa do "Santo Preto": tradição e percepção da Marujada Bragantina*. 2010. 165 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília. Brasília, Distrito Federal.

COSTA, M. L. *Cultura, religiosidade e comércio na cidade: a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão- Goiás*. 2010. 229f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo.

COSTA, E. B. Utopismos patrimoniais pela América Latina, resistências à colonialidade do poder. In: XIV Colóquio Internacional de Geocrítica, 14., Barcelona, 2016. Anais do XIV Colóquio Internacional de Geocrítica. Barcelona, 2016. p.1-30.

COSTA, E. B. Ativação popular do patrimônio-territorial na América Latina: teoria e metodologia. *Revista Colombiana de Geografia*. Bogotá, v. 26, nº 2, p. 53-75, 2017.

CRUZ, E. *A estrada de ferro de Bragança: visão social, política e econômica*. Belém: SPVEA, 1955. 161p.

CRUZ, R. C. A. *Introdução à Geografia do Turismo*. 2ª Ed. São Paulo: Roca, 2003. 136p.

D'ABADIA, Maria I. V.; ALMEIDA, Maria G.. Festas religiosas e Pós-Modernidade. *Revista Geonordeste*. São Cristóvão, v. 20, n. 2, p. 57-80, 2009.

DEUS, J. A. S.; TORRES, M. A.; ALMEIDA, M. G.; VARGAS, M. A. M. Territorialidades de festas populares: espaço tempo cognitivo, conectivo e conflitivo. *Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)*, v. 12, nº 18, p.353-368., especial GT Anpege 2016.

LEFEBVRE, H. *La produccion del espacio*. Sociologia, [S.l.], n.3, p. 219-229, 1974.

LOBATO, Alessandra S. *Turismo, patrimônio cultural e produção do espaço: uma análise do centro histórico da cidade de Bragança-PA*. 2014. 176f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará, Belém.

MACHADO, D. C.; PIRES, M. J. Turismo e patrimônio cultural imaterial: a capoeira em Salvador-BA. In: COSTA, E. B.; BRUSADIN, L. B.; PIRES, M. do C. (Org.). *Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder*. São Paulo: Outras Expressões, 2012. p. 245-260.

MENESES, U. O Patrimônio Cultural entre o Público e o Privado. In: *O direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p. 189-194.

NONATO DA SILVA, D. B. R. *Os Donos de São Benedito: convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX*. 2006. 202f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará, Belém.

PAES-LUCHIARI, M. T. D. A re-invenção do patrimônio arquitetônico no consumo das cidades. *Revista Geousp – espaço e tempo*, São Paulo, nº 17, p. 95-105, 2005.

PAES, M. T. D. Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais um olhar geográfico. In: (Org.) BARTHOLO, R; BURSZTYN, I; SANSOLO, D. *Turismo de Base Comunitária diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Ed. Letra e Imagem, 2009. Capítulo 09, p. 162-176.

PAES, M. T. D. Apresentação e Introdução. In: PAES, M.T.D. e OLIVEIRA, M. (Org). *Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Annablume, 2010. Capítulo 1, p. 13-32.

ROSÁRIO, U. *Saga do Caeté: Folclore, História, Etnografia e Jornalismo na Cultura Amazônica da Marujada, Zona Bragantina, Pará*. Belém: CEJUP, 2000. 234p.

Santos, M. *A Natureza do Espaço Técnica e Tempo Razão e Emoção*. 4ª Ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo 2008. 392p.

SACHS, I. *Estratégias de Transição para do século XXI – Desenvolvimento e Meio Ambiente*. São Paulo: Studio Nobel Fundação para o desenvolvimento administrativo, 1993. 103p.

SILVA, A. B. *Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina*. Belém: Falângola, 1981. 93p.

SILVA, D. B. *Os tambores da esperança: Um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança*. Belém: Falângola Editora, 1997. 302p.

SCÓTOLO, D.; PANOSSO NETTO, Alexandre. Contribuições do turismo para o desenvolvimento local. *Revista CULTUR*, Florianópolis, nº 01, p. 36-59, 2015.

TRINDADE JR., S-C. C.; SILVA, M. A. P. da; AMARAL, M. D. B.. Das "janelas" às "portas" para o rios: compreendendo as cidades ribeirinhas na Amazônia. In: TRINDADE JÚNIOR, S-C. C.; TAVARES, M. G. da C.. (Org.). *Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências*. 1ª ed. Belém: EDUFPA, 2008. p. 27-47.

TRINDADE JR., S-C. C. Requalificação urbana em áreas centrais na Amazônia brasileira: Belém do Pará, entre o patrimonialismo e a função social da cidade. In: SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José A. (Org.). *Amazônia: território, povos tradicionais e ambiente*. 1ª ed. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009, p. 198-219.

TRINDADE JR., S-C. C. Patrimônios, vivências e representações do espaço em políticas de requalificação urbana na Amazônia. *Revista Espaço e Geografia (UnB)*, Brasília, v. 16, p. 483-513, 2013.